

A IMIGRAÇÃO AÇORIANA NA OBRA DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL: UM PERCURSO HISTÓRICO E FICCIONAL

THE AZORIAN IMMIGRATION IN THE WORK OF LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL: A HISTORICAL AND FICTIONAL JOURNEY

Ivânia Campigotto Aquino¹
Edemilson Antônio Brambilla²

RESUMO

A representação literária da imigração e colonização da região Sul do Brasil é um dos principais traços característicos das criações ficcionais de Luiz Antonio de Assis Brasil. Descendente de imigrantes açorianos, o escritor faz da estetização dos conflitos sociais e dos desafios enfrentados por esse grupo étnico na formação do Estado sul-rio-grandense uma temática recorrente em sua literatura, constituindo-se, dessa forma, como um intérprete dos processos migratórios. Além disso, Assis Brasil também aborda a questão açoriana em ensaios críticos, onde busca traçar uma historiografia literária da presença de autores e obras que tratam dessa temática, e descrever quais as principais características dessa escrita vinculada aos Açores. Desse modo, este trabalho busca analisar a presença açoriana nas obras de Luiz Antonio de Assis Brasil, tomando como base para análise tanto seus escritos ficcionais, quanto os ensaios críticos dedicados ao tema.

Palavras-chave: Imigração açoriana. Luiz Antonio de Assis Brasil. Rio Grande do Sul.

1 Possui graduação em Curso de Letras pela Universidade de Passo Fundo, mestrado em Letras - Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, doutorado em Letras - Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pós-doutorado em Letras - Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, é professora Titular III da Universidade de Passo Fundo, atuando no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras, e professora efetivo da rede municipal de ensino de Passo Fundo, atuando na Secretaria Municipal de Educação. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, crítica literária, romance, história e leitura.

2 Mestrando em Letras pela Universidade de Passo Fundo, é graduando em Letras, e possui graduação em Música pela mesma instituição. Integrou como bolsista PIBIC/CNPq o projeto de pesquisa intitulado A experiência da criança na linguagem: língua e práticas sociais, sob orientação da prof^a. Dr^a. Marlete Sandra Diedrich, atuando ainda como voluntário no mesmo projeto. Integrou como bolsista PIBIC/UPF durante os anos de 2017/2019 o projeto de pesquisa intitulado Arte, Sentido e História, sob orientação do prof. Dr. Gerson Luís Trombetta. Também integra, desde 2016, o projeto intitulado Sons da contracultura: o rock no Brasil na década de 1970, sob orientação do prof. Dr. Alexandre Saggiolato.

ABSTRACT

The literary representation of the immigration and colonization of the southern region of Brazil is one of the main characteristic features of Luiz Antonio de Assis Brasil's fictional creations. A descendant of Azorean immigrants, the writer makes the aestheticization of social conflicts and the challenges faced by this ethnic group in the formation of Rio Grande do Sul state a recurrent theme in his literature, thus becoming an interpreter of migratory processes. In addition, Assis Brasil also addresses the Azorean issue in critical essays, where it seeks to trace a literary historiography of the presence of authors and works dealing with this theme, and describe the main characteristics of this writing linked to the Azores. Thus, this work seeks to analyse the Azorean presence in the works of Luiz Antonio de Assis Brasil, taking his fictional writings and his critical essays dedicated to the theme as bases for analysis.

Keywords: Azorean immigration. Luiz Antonio de Assis Brasil. Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Um dos principais traços característicos das criações ficcionais do escritor sul-rio-grandense Luiz Antonio de Assis Brasil é a representação literária da imigração e colonização da região Sul do Brasil. Sob essa perspectiva, a postura adotada pelo autor visa retratar a região sulina sob a ótica do estrangeiro, que passa a habitar o Estado e vê-se envolto nas mais diversas questões políticas, sociais e culturais que o cercam. Por ser descendente de imigrantes açorianos, o escritor faz da estetização dos conflitos sociais e dos desafios enfrentados por esse grupo étnico na formação do Estado sul-rio-grandense uma temática recorrente em sua literatura, constituindo-se, dessa forma, como um intérprete dos processos migratórios. Tais características temáticas podem ser evidenciadas em obras como: seu romance de estreia, intitulado *Um quarto de légua em quadro*, publicado em 1976; e o conto *O primeiro Natal no Continente de São Pedro ou 1752*, publicado em 1994, na coletânea de contos *Amigos secretos*.

Soma-se a esse conjunto de obras uma importante gama de trabalhos teóricos nos quais o autor se ocupou em estudar a presença desse imigrante dos Açores no cenário do Rio Grande do Sul e em Estados vizinhos. Sobre isso, pode-se destacar textos como: os ensaios críticos intitulados *A narrativa açoriana pós-25 de Abril* (1994) e *A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia* (1999); e os livros: *Escritos açorianos: a viagem de retorno – tópicos acerca da narrativa açoriana pós-25 de abril* (2003) e *Mar horizonte: literaturas insulares lusófonas* (2007), cujos textos, organizados e escritos por Luiz Antonio de Assis Brasil e demais pesquisadores da imigração açoriana, discutem amplamente essa perspectiva temática, especialmente considerando abordagens que enfoquem a presença açoriana na região Sul brasileira.

Em *O códice e o cinzel* (2007), documentário sobre sua vida e obra, Luiz Antonio de Assis Brasil comenta essa estreita ligação com os açores, afirmando:

Eu tenho uma grande felicidade de ter antepassados, tanto de pai como de mãe, lá dos Açores. E isso ficou muito claro para mim quando eu fui a primeira vez aos Açores, quando o avião pousou no aeroporto de Ponta Delgada, eu me senti voltando depois de 250 anos. E lá vivem pessoas de grande sensibilidade. Eu tenho grandes amigos como se fossem meus irmãos e eu volto para lá com muitíssima frequência. E quero poder sempre fazer isso. Então, os Açores, realmente, são a minha segunda Pátria. Eu me sinto perfeitamente em casa lá e isso aconteceu desde a primeira viagem e permanece até hoje.

Ainda em *O código e o cinzel* (2007), Vamberto Freitas, ao interpretar a escrita de Luiz Antonio de Assis Brasil e sua proximidade com a vida e a cultura açoriana, afirma que, especificamente no caso de Assis Brasil:

[...] não se trata de um olhar exterior sobre os açores, de um olhar distante. Trata-se de um olhar em casa. A única distância aqui é que Assis Brasil está mais ou menos a 11 mil quilômetros de distância. Mas quando ele chega cá, quando participa no nosso mundo cultural, creio que ninguém o pensa como vindo do exterior, faz parte de nós, é nosso, é um estudioso nosso! Que ainda por cima se identifica como açoriano. A única diferença entre Assis Brasil e nós será, eventualmente, um sotaque, sequer já nem tanto.

Sob essa perspectiva, este trabalho busca analisar a presença açoriana nas obras de Luiz Antonio de Assis Brasil, tomando como base para análise tanto seus escritos ficcionais, quanto os ensaios críticos em que o autor se dedica a abordar o tema. A hipótese a ser investigada nesta abordagem é que tanto os escritos ficcionais de Assis Brasil, quanto seus estudos teóricos, possuem pontos de contato no que se refere ao posicionamento do escritor com relação à questão açoriana, sendo que, a perspectiva teórico-crítica assisiana acerca da produção literária sobre os Açores, as características que, segundo o autor, identificam a literatura de base açoriana e identificam o indivíduo como sendo um luso-açoriano, dialogam diretamente com as características expostas por Assis Brasil em suas criações ficcionais.

Desse modo, o presente trabalho está organizado da seguinte maneira: após este percurso introdutório, discutimos a presença da imigração açoriana no Estado do Rio Grande do Sul, em uma abordagem sócio-histórica desse movimento migratório; nas seções subsequentes, portanto, analisamos a posição de Luiz Antonio de Assis Brasil acerca das características identitárias do imigrante dos Açores e a consequente representação

literária desses personagens; por fim, abordamos a representação literária desses indivíduos, tomando como base os escritos ficcionais de Assis Brasil, atentando para como o autor aborda os desafios, a cultura e a vida social desse grupo étnico ao buscar sua adaptação no cenário sul-rio-grandense do século XVIII, e como tal representação está em comum acordo com o exposto pelo escritor em seus ensaios críticos.

1 A IMIGRAÇÃO AÇORIANA PARA O RIO GRANDE DE SÃO PEDRO

A chegada de portugueses para território brasileiro sempre esteve vinculada aos projetos expansionistas da coroa portuguesa. Com a vinda dos imigrantes oriundos da Ilha dos Açores não foi diferente, uma vez que o governo português mobilizou diversas estratégias geopolíticas com o intuito de expandir o domínio do império lusitano, tanto no aspecto territorial quanto populacional. De acordo com Torres (2004), em 31 de agosto de 1746, foi publicado, nas Ilhas dos Açores, um edital que abria inscrições para os casais que almejassem transferir-se para o Brasil. Por esse documento, o Rei acenava com uma série de privilégios e regalias aos que quisessem lançar-se na aventura da imigração. Entre esses privilégios, incluía-se o transporte até o local de origem por conta da Fazenda Real. O critério básico para inscrição era uma idade limite de 40 anos para os homens, e de 30, para as mulheres.

Ainda conforme Torres (2004), quando desembarcassem no Brasil, as mulheres que tivessem idade superior a 12 anos e inferior a 20, casadas ou solteiras, receberiam uma ajuda de custo individual de 2\$400 reis. Os casais receberiam 1\$000 por filho. Os artífices receberiam 7\$200 de ajuda. Ao chegarem ao local de povoamento, receberiam uma espingarda, duas enxadas, um machado, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas, uma serra com uma lima e travadoura, dois alqueires de sementes, duas vacas e uma égua. Enquanto preparavam as terras para o cultivo agrícola, esperando as primeiras colheitas, seriam sustentados pela Fazenda Real. Cultivadores de trigo, de cevada, de legumes, de vinho, de frutas, de hortaliças, criadores de ovelhas e de gado, agricultores, os açorianos eram pequenos agricultores ou pequenos proprietários. Agricultores de tradição, entre eles, os homens se distinguiam quase que exclusivamente pela sua maior ou menor riqueza agrícola. A opulência era avaliada pela quantidade de trigo que recebiam dos seus rendeiros. No Sul do Brasil, a formação pecuarista definia a riqueza num mercado fundado no gado, e que teve como referência histórica o território da antiga Colônia do Sacramento do Rio da Prata, cuja economia baseava-se na criação de gado e aproveitamento e comércio de couros. Dessa atividade econômica,

participavam os portugueses da Colônia do Sacramento, espanhóis de Buenos Aires, Santa Fé e Corrientes.

Ainda nesse sentido, Laytano (1983) afirma que esses casais açorianos foram trazidos para povoarem a capitania, e fundaram uma agricultura intensiva, sendo arranchados em regiões que determinaram quase sempre o nascimento de cidades ou foram colocados ao redor de incipientes centros urbanos, como em Rio Pardo e Rio Grande. Vieram diretamente do arquipélago, da Colônia do Sacramento e de Santa Catarina, o que precisa ser distinguido. Mas encontram logo na pecuária uma atração lucrativa melhor do que na agricultura, pois as safras de trigo, que eram as principais, nem sempre correspondiam ao sacrifício que faziam. Não se afirma que todo o ilhéu se transformasse em fazendeiro, entretanto, lutou para o conseguir. É certo que os açorianos, como casais de número, quando chegaram não receberam as sesmarias, mas datas de terras que era, apenas, de 272 hectares quando a sesmaria tinha 13.010 hectares. Visando-se a agricultura, trataram as autoridades de organizar e dividir a propriedade, entretanto, a gente açoriana foi, com o decorrer do tempo, também o estancieiro da campanha gaúcha.

O depoimento supracitado aponta para um importante aspecto que acompanhou toda a vinda açoriana para o território sul-rio-grandense: a dualidade entre o universo prometido pelos governantes e sonhado pelo povo da Ilha portuguesa, e a realidade encontrada por esse grupo étnico ao instalar-se nos Estados brasileiros, em completo desacordo com a perspectiva promissora esperada.

Ainda que outros Estados brasileiros, como Santa Catarina, já contassem com a presença de açorianos, estes só chegaram de modo maciço ao território gaúcho no ano de 1752, vindos pelo porto de Rio Grande de São Pedro. Com a chegada desses imigrantes, automaticamente se teve um intenso intercâmbio cultural com os habitantes que aqui estavam, e a influência lusitana fez-se sentir em vários aspectos daquela vida comunitária. Essa presença lusitana fez com que houvesse, segundo Torres (2001; 2004), um impacto direto no surgimento de inúmeras cidades gaúchas, e difundiu entre os munícipes o linguajar, os hábitos alimentares, o exercício agrícola, e as particularidades arquitetônicas próprias do povo luso-açoriano.

Se a marca da vinda desses povos pôde ser diretamente constatada na estrutura social do período, é a partir disso que o universo literário, de um modo especial, passou a se ocupar de sua representação em narrativas ficcionais. O autor analisado neste estudo, por exemplo, valeu-se das questões que envolvem a presença desses imigrantes em território sul-rio-grandense para construir algumas de suas narrativas ficcionais. Luiz Antonio

de Assis Brasil, por ser descendente direto desses grupos colonizadores, dedica parte de sua produção intelectual, seja ela ficcional ou não-ficcional, a abordagens que retratam os desafios, anseios e angústias que assolam a vinda açoriana da Ilha dos Açores, em território português, para o Brasil, em especial para o Estado do Rio Grande do Sul.

Nas seções subsequentes, portanto, buscamos evidenciar a abordagem assisiana da temática açoriana. Primeiro tomando como base seus ensaios críticos, onde Assis Brasil busca caracterizar e definir esse indivíduo açoriano; em seguida, buscamos compreender como essas características apontadas pelo autor se refletem nas criações ficcionais de sua autoria.

2 A LITERATURA AÇORIANA SOB A ÓTICA DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL: UMA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

A presente seção busca analisar a posição de Luiz Antonio de Assis Brasil acerca das características identitárias do imigrante dos Açores, e a consequente representação literária desses sujeitos históricos. Para tanto, utilizamos como base os trabalhos teóricos nos quais o autor se ocupou em estudar a presença açoriana no espaço sul-rio-grandense, a exemplo de seus ensaios críticos intitulados *A narrativa açoriana pós-25 de Abril* (1994), e *A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia* (1999). Neles, Luiz Antonio de Assis Brasil discute amplamente essa perspectiva temática, buscando caracterizar e definir esse indivíduo açoriano, e sua consequente representação literária.

Segundo Assis Brasil (1999), a situação de imigrante acabou caracterizando diretamente esses grupos que chegaram ao Rio Grande do Sul em meados do século XVIII. Por isso, o escritor aponta algumas características peculiares da literatura que versa sobre esse modo de vida açoriano, sua condição de imigrante, e o local ocupado por esse sujeito, envolto entre o saudosismo pela terra mãe, e a difícil realidade encontrada no novo mundo. A esse saudosismo, o autor denomina *açorianidade*, ou seja, o orgulho sentido por esses indivíduos na sua condição de ilhéu, que faz com que o açoriano reivindique para si uma outra escala de valores éticos e sociais, distinta do Continente e, quiçá, melhor. Seria incorreto, segundo ele, chamar de *bairrismo* a esse sentimento, pois o transcende em muitos aspectos: enquanto o *bairrismo* considera o *outro* como a síntese dos males e estabelece uma visão dicotômica da realidade nacional, o *açorianismo* não aparta o açoriano da comunidade portuguesa – mas o identifica perante os seus patrícios ocidentais.

Unida a esta ideia da *açorianidade*, e quase se confundindo com ela,

Assis Brasil (1994) situa a questão da *consciência insular*, que ultrapassa o estritamente literário. É um sentimento que se expressa pela distância, pela nostalgia, pela contemplação melancólica da paisagem, dos garajaus que voltam todo o ano, da bruma que tudo obscurece, do mar quase sempre crespo, das tempestades, das nuvens densas e baixas do inverno, do *azorean torpor*; significa uma espécie de resignação às inclemências e dificuldades da vida insular, algo indizível, mas profundamente experimentado.

A esse respeito, Assis Brasil (1999) ainda nos alerta para o fato de que, é evidente que não estamos tratando de *regionalismo*, tenha ele o conceito que tiver. Aqui, se configura uma outra atitude, não passadista nem refratária às mudanças; é uma perspectiva lúcida, de conhecimento crítico da realidade, sem os equívocos a que o regionalismo chegou não apenas nos Açores. Nesse aspecto, a questão das origens é fundamental: o Arquipélago formou-se por erupções vulcânicas oriundas do subsolo oceânico (o que, aliás, é causa de inúmeros episódios tectônicos, como o de primeiro de janeiro de 1980, que destruiu a cidade de Angra do Heroísmo, ou o vulcão dos Capelinhos, no Faial) e essa origem com forte conotação de lenda gerou narrativas que igualmente criam, sob a luz da ironia, suas próprias lendas.

No caso específico das temáticas presentes nas narrativas açorianas, Assis Brasil (1999) aponta que é curioso notar que essas narrativas mais focam os sentimentos e efeitos relativos às partidas e chegadas do que propriamente a experiência emigrante. É que nas ilhas, onde o tempo e o espaço se condensam, intensificando formas de estar e sentir, tal realidade impõe-se não tanto como fenômeno social em si, mas antes como marca de uma condição existencial de forte sofrimento, emoção e perspectiva universal. Nesse sentido, cabe atentarmos para o fato de que esse mesmo sentimento apontado por Assis Brasil parece ser problematizado por outros autores, a exemplo do pensador argelino Abdelmalek Sayad, que alerta para a dicotomia existente entre as noções de “presença” e “ausência”, vivenciadas pelos imigrantes. Segundo ele, os imigrantes sentem-se ausentes onde estão presentes, e presentes onde estão ausentes. Nas palavras de Sayad (2000, p. 20):

Esse é um dos numerosos paradoxos da imigração: ausente onde está presente e presente onde está ausente. Duplamente presente – efetivamente aqui e ficticiamente lá – e duplamente ausente – ficticiamente aqui e efetivamente lá – o imigrante teria uma vida dupla, que ultrapassa e que é diversa da oposição tradicional entre vida pública e vida íntima: uma vida presente, banal, cotidiana, vida que pesa e enreda, vida segunda, ao mesmo tempo cronológica e es-

sencialmente secundária; uma vida ausente, figurada ou imaginada, lembrada, uma vida que foi primeira cronologicamente e que permaneceu primeira, essencial, afetiva e efetivamente, e que, sem dúvida, voltará a sê-lo um dia.

Esses e outros aspectos constituem a representação literária do sujeito oriundo dos Açores, e seu conseqüente agir em sociedade. O que buscamos, de um modo mais específico, na seção subsequente, é discutir como essas características se refletem no universo literário do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, tomando como base para análise narrativas ficcionais assisianas que parecem abordar vários aspectos que foram expostos nesta seção.

2.1 A IMIGRAÇÃO AÇORIANA SOB A ÓTICA DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL: SUAS CRIAÇÕES FICIONAIS

Na presente seção buscamos investigar a representação desse imigrante açoriano na obra ficcional do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Para tanto, tomando como base para análise as narrativas assisiana onde essa temática é retratada, a saber: o romance *Um quarto de légua em quadro*, e o conto *O primeiro Natal no Continente de São Pedro ou 1752*.

Já em sua obra de estreia, denominada *Um Quarto de Légua em Quadro*, publicada em 1976, a figurativização dos primórdios da presença açoriana no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina é tema principal. De acordo com Mutter (2008, p. 10; 2017), nessa obra “o romancista gaúcho foi um dos primeiros a recusar a reflexão sobre o presente encapsulado pelos problemas políticos e pensar a história mais remota. Uma opção que busca as origens e por isso faculta a revisão do passado para melhor compreender o presente”.

Escrito em forma de diário, o enredo assisiano em *Um quarto de légua em quadro* narra, através da perspectiva do médico Gaspar de Fróis, o processo migratório e a colonização portuguesa no Estado do Rio Grande do Sul. A aventura da qual se ocupa o doutor Gaspar e os imigrantes açorianos se inter-relacionam diretamente, uma vez que nenhum deles alcançou de fato o objetivo traçado com a vinda para o Brasil, qual seja: encontrar e felicidade na nova terra e esquecer os conflitos e dilemas da vida que levavam em Portugal. De acordo com Mello (2014, p. 88):

Um quarto de légua em quadro trata de um período histórico fundacional para o Rio Grande do Sul: a povoação e a demarcação de seu território sob uma perspectiva que repensa o português não como o explorador que ‘roubou’ as terras

dos brasileiros, mas como um povo miserável que também foi abandonado pela Coroa e subjugado pela ganância da Metrópole. O Brasil, terra dos sonhos, da felicidade e da riqueza – inexistentes já em Portugal –, torna-se um pesadelo, uma decepção.

Desde o início da narrativa, conhecemos o narrador e os detalhes de sua vida. Gaspar Fróis, de 46 anos, é viúvo e sem filhos, e trabalha como médico, responsável por curar as dores e o sofrimento dos viajantes, mas que não consegue resolver seus próprios conflitos pessoais. Ainda que esteja inserido na narrativa como os demais imigrantes, Gaspar se vê diferente dos demais, vejamos:

Naquele momento, dei-me conta de como estou longe deste povo, metido nesta bojuda embarcação, emparedado uns contra os outros, gemendo as mesmas dores, curtindo os mesmos desesperos, ansiando as mesmas tênues esperanças. Absorto comigo, desempenhando meu ofício com perícia e isenção, tornava-me um engenho de curar. E só. Procurando fugir, desenredar-me das minhas fontes de sofrimento, deleitava-me com um jogo em que esquecia que também sou das Ilhas, agora tão distantes, tão pequenas, tão minúsculas na carta geográfica que a mão gordalhufa do Eleutério perpassa, esmagando com o polegar a Terceira, sujando com o indicador as Flores e o Faial. Cuspindo a baba sonolenta sobre São Jorge e o Pico (ASSIS BRASIL, 1997, p. 23).

Ao perceber o destino que os espera em terras brasileiras, distantes da cultura e da geografia lusitana, Gaspar Fróis encontra na escrita e na representação de suas vivências em território brasileiro uma forma de se relacionar com os infortúnios dessa nova vida. A partir de então, temos várias representações dos desafios e dilemas que envolvem a realidade daqueles imigrantes que chegaram ao Brasil em busca de melhores condições. Vejamos um trecho em que ficam evidentes essas questões, onde, para além da representação dos desafios enfrentados pelos imigrantes dos Açores, temos, em certa medida, uma tomada de consciência, por parte do personagem, da sua condição de ilhéu e migrante, voluntário ou não:

– Talvez nós, açorianos, nunca chegaremos a entender os reinóis. Nunca entenderemos por que somos sempre preteridos em relação ao pessoal da metrópole. Veja agora: há que tapar um buraco, há uma região difícil, toca a reunir os ilhéus e, quer queiram, quer não queiram, devemos ir.

Foi um embuste muito bem aplicado. Quando tudo parecia pronto, quando os colonos estão prestes a receber suas terras, quando pensavam já terminada a sua provação, eis que se apresenta a novidade: povoar lugares perdidos, numas Missões que nem se sabe ao certo onde ficam. Acho que por esses motivos o desentendimento entre portugueses e ilhéus será perene (ASSIS BRASIL, 1997, p. 38).

Ficam evidentes também as discussões acerca da noção de pertencimento, uma vez que os imigrantes não se sentiam integrantes dessa nova terra habitada, o que acabava por revelar, conforme visto nas discussões assisianas da seção anterior, esse sentimento de nostalgia e saudosismo com relação à terra natal. Nesse sentido, de acordo com Sayad (2000, p. 11-12):

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra [...]. A noção do retorno estaria no centro do que pode ser ou do que desejaria ser uma antropologia total do ato de emigrar e de imigrar: antropologia social, cultural, política, na qual se introduz eficazmente a lembrança da dimensão universal do fenômeno migratório.

Vejamos um trecho de *Um quarto de légua em quadro* onde essas questões ficam evidentes:

– O fato é que nunca estarei bem. Longe das vinhas do Monte Brasil, serei sempre um estrangeiro. Por outro lado, acaso não somos todos nós estrangeiros? Só porque no mapa diz: aqui é terra de Portugal – devemos também sentir assim? É uma contingência. Amanhã, se o castelhano tomar tudo, será terra da Espanha. E daí? Seremos ainda estrangeiros. Nunca, nada será como a terra em que nascemos; adota-se apenas um novo chão, não se é daquele chão. Hoje, por exemplo, casa-se a filha do Eunápio Soeiro com o filho do Almeida. Já se sentem em casa (ASSIS BRASIL, 1997, p. 34).

Vejamos outro trecho de *Um quarto de légua em quadro* em que as questões supracitadas também estão presentes:

Deixei passar o meio-dia. Enquanto comia, vogava pela cabeça tudo o que me acontecera, em menos de um ano: a

viagem, eivada de mortes, mal-de-Luanda e tempestades. O lento consumir-se de uma gente tão cheia de esperanças, quando embarcou. O Desterro, a segunda povoação. O amor. O Rio Grande, com a consumação e a posse tão desejada. Em seguida, a terceira provação do povo predestinado a sofrer. E a decepção da posse não seguida da felicidade. Acompanhada de humilhação (ASSIS BRASIL, 1997, p. 94).

Percebe-se, no trecho supracitado, toda a expectativa criada pelos imigrantes com a realidade a ser encontrada no cenário brasileiro, fato que, como se sabe, acabou não se cumprindo, uma vez que, segundo Mello (2014, p. 90) “as terras prometidas são negadas aos portugueses que povoaram o Rio Grande do Sul; não havia um lugar fixo para eles. Desembarcavam no Desterro (atual Florianópolis) e eram enviados de um lugar a outro, sem que o edital fosse cumprido”.

No conto assisiano intitulado *O primeiro Natal no Continente de São Pedro ou 1752*, publicado em 1994, na coletânea de contos *Amigos secretos*, temos, novamente, esse imigrante açoriano sendo retratado. Nessa narrativa, assim como na obra analisada anteriormente, encontram-se elementos que possibilitam uma reflexão sobre a influência do imaginário açoriano na construção da cultura e da vida social no espaço gaúcho, sendo evidenciado o olhar estrangeiro sobre o Rio Grande do Sul. Tem-se, assim, um retrato bastante verossímil da realidade encontrada pelo grupo no território sulino, especialmente porque, nesse conto, Assis Brasil ficcionaliza a história social dos imigrantes, criando mais uma versão possível do primeiro Natal que passaram na nova terra.

O título do conto, em si, já faz referência direta ao ano de 1752, tido como o referencial cronológico que assinala a chegada maciça de imigrantes açorianos ao Estado do Rio Grande do Sul. Como se viu na seção anterior, a presença açoriana na região é anterior ao ano de 1752 – especialmente no Estado catarinense –, mas é a partir desse ano que se tem a chegada desses imigrantes vindos de Portugal diretamente para o Rio Grande do Sul.

Narrado por um personagem cuja identidade não nos é revelada, o conto assisiano apresenta as aflições de um imigrante açoriano, pai de família, que descreve como está sendo o primeiro Natal da sua família depois da vinda da Ilha dos Açores, em Portugal, para ocupar a região interiorana do Rio Grande do Sul. A narrativa inicia com o personagem-narrador dirigindo-se à esposa, chamada Joana, para revelar sua aflição perante a realidade vivenciada na noite natalina. Vejamos:

— Peço perdão por te acordar, Joana. É que estou aflito, preciso conversar com alguém. Pelo que eu sei, é noite de Natal. Nem parece, Joana. Hoje nos levantamos como se fosse um dia comum, e nem te lembraste de fazer massa sovada, nem licor de café. Muito longe daqui, em Viamão, devem estar rezando missa e nós aqui neste fim de mundo, sem lapinha, sem devoção. Estamos ficando igual a esses gaúchos sem alma, igual a esses índios que a gente vê revirando campo, tudo descrente e bandido, tudo mal-encarado (ASSIS BRASIL, 1994, p. 41).

Como se percebe, o personagem encara a noite natalina com grande nostalgia, merecedora de um comportamento típico, oriundo do ambiente cultural do qual este indivíduo integrava antes de migrar para o cenário sulino. Ainda ficam evidentes, em trechos como: *Estamos ficando igual a esses gaúchos sem alma, igual a esses índios que a gente vê revirando campo, tudo descrente e bandido, tudo mal-encarado*, o descontentamento por parte do personagem com a formação cultural e com a maneira como os habitantes sul-rio-grandenses se portavam perante à data natalina.

A nostalgia e o saudosismo com relação à terra natal ficam ainda mais evidentes em outra passagem do conto assisano, onde o personagem-narrador expressa seu desejo de que o filho jamais se comporte como os gaúchos, alheios à memória coletiva de seu povo. Vejamos como isso é retratado no conto assisiano:

Há pouco, quando tu dormias o Antoninho também dormia, fui para frente da casa e fiquei olhando para o céu. E vi uma estrela grande quase em cima da minha cabeça, brilhando, brilhando. E fiz um desejo, de que o Antoninho cresça bem forte, e que nunca seja igual a esses gaúchos, e que guarde a devoção como a gente igualmente guardava em nossa Ilha nos Açores. E que a mulher dele possa um dia sovar massa e botar a tigela de trigo ao lado da lapinha de Nosso Senhor Jesus Cristo (ASSIS BRASIL, 1994, p. 41-42).

No trecho supracitado, encontram-se algumas características apontadas por Assis Brasil (1994) como representantes dessa *consciência insular*, uma vez que, em diversos momentos de seu conto, o escritor descreve os hábitos religiosos, a indumentária, a culinária, e demais hábitos culturais próprios ao povo açoriano. Vejamos outro exemplo de como isso é representado na narrativa:

Vou fazer de conta que é mesmo Natal, e que amanhã, em vez do pedaço de carne salgada, essa coisa nojenta, a gente vai comer leitão assado no forno e que, em vez da água do poço, a gente vai beber vinha de cheiro. E que a nossa casa vai-se encher dos vizinhos e dos amigos e dos compadres, e que o senhor vigário vem dar uma chegada para provar nossa sopa de couves e nossos figos passados, e as nozes. E que vai ter dança no quintal. Tudo como na Ilha, Joana (ASSIS BRASIL, 1994, p. 42).

Nota-se, nesse caso, que o personagem assisiano trata das questões que norteiam a vida de sua família e seu povo para o Brasil, e toma o Natal como uma metáfora, já que, faz-se sempre uma comparação entre a comemoração natalina estando no Rio Grande do Sul com a maneira que a família passava o Natal na Ilha dos Açores. Enquanto em Portugal a data era envolta em grandes comemorações, apesar das dificuldades, no Rio Grande do Sul a data passa praticamente despercebida por todos. Apesar dessas particularidades, e das dificuldades enfrentadas, o personagem-narrador tenta esquecer tais aspectos negativos, e busca encontrar motivos para comemorar o Natal na nova terra.

Em outros trechos, também é possível perceber a oscilação do personagem-narrador entre a saudade que sente de sua terra natal e as dificuldades e os desafios encontrados ao ocuparem a nova terra. Isso nos mostra como a narrativa construída por Luiz Antonio de Assis Brasil aborda tanto os conflitos de ordem política e social vividos por esses imigrantes ao desembarcarem em terras brasileiras, mas retrata também os conflitos inerentes ao próprio sujeito, que se vê deslocado e em dissonância com o espaço em que habita.

No trecho a seguir, por exemplo, o personagem nos fornece um panorama bastante significativo dos desafios pelos quais esses imigrantes passaram para ocupar as terras sul-rio-grandenses, seja na dificuldade da longa viagem marítima, na escassez alimentícia, ou nas promessas não cumpridas, feitas pelos governantes aos imigrantes que iriam viajar para outros territórios, uma vez que, com o intuito de convencê-los a aderir ao plano colonizador, era prática corriqueira a promessa, feita pelos governos vigentes, de auxílio aos imigrantes em sua adaptação na nova terra, seja por meio do fornecimento de ferramentas de trabalho variadas, de animais, ou mesmo uma quantidade significativa de extensão territorial. Essas promessas, no entanto, não se cumpriam, o que acabava deixando os imigrantes à própria sorte ao chegarem a seu destino. Vejamos como isso é representado no conto assisiano:

Vou tentar esquecer do longo mar tenebroso que atravessamos, e toda a fome que temos passado, e a falta dos animais que nos prometeram, dos arados que disseram que iam nos dar, das injustiças, da falta dos vizinhos. Aqui somos ricos, Joana. Toda essa terra é nossa. Na Ilha a gente seria fidalgo, daqueles com solar e vinhedos, e que passavam arrogantes por nós, e que a gente tinha que dobrar o joelho e tirar o chapéu. Aqui somos ricos, mas toda essa terra não pode dar um Natal que seja. Posso ir para o meio do campo e abrir os pulmões, gritando *sou rico, sou rico!*, mas e a alma? e o Natal? (ASSIS BRASIL, 1994, p. 42).

Percebe-se que, através de uma escrita ligada à terra, à emigração, ao mar, ao apelo religioso, ao modo de vida açoriano – especialmente ao vivido na Ilha, em Portugal –, tem-se, de acordo com os estudos de Cabral (2010), uma importante ferramenta de expressão das injustiças e mazelas enfrentadas pelos imigrantes açorianos ao partirem de sua terra natal em busca de melhores condições de vida, um drama vivido por milhões de portugueses que, um dia, partiram em busca da felicidade em terras distantes, e que encontraram apenas a miséria, a exploração e o racismo oriundos da sociedade em que passaram a integrar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde perceber, tanto nos ensaios críticos de Luiz Antonio de Assis Brasil quanto em suas criações literárias, a importância dada à questão açoriana é evidente, e faz desses escritos um diferencial no que se refere a essa abordagem temática. Em seus textos ficcionais, de um modo especial, há sempre o retrato das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes açorianos nesse novo território, em contraste direto com a realidade vivenciada por esses indivíduos da Ilha dos Açores, em Portugal.

Nesse sentido, se pensarmos esses textos ficcionais em sua relação com a abordagem teórica de Assis Brasil em seus ensaios, veremos que, tanto no romance *Um quarto de légua em quadro* quanto no conto *O primeiro Natal no Continente de São Pedro ou 1752*, o autor privilegia e destaca a representação do que denomina como *consciência insular* - em detrimento da noção de *açorianidade*, ou seja, o orgulho da condição de ilhéu -, uma vez que, como vimos, essa consciência insular caracteriza-se pela expressão da distância, da nostalgia, da contemplação melancólica da terra natal. Nesse sentido, de acordo com Mello (2014, p. 104-105), tanto o romance *Um quarto de légua em quadro*, quanto o conto assisiano, apontam para a formação identitária do Rio Grande do Sul, “narrando a colonização portuguesa em meados do

século XVIII, em uma postura que se afasta da crítica aos colonizadores, uma vez que retrata o sofrimento pessoal e coletivo na perda da identidade e na transculturação que esse povo sofreu ao buscar a utopia de uma vida melhor no Brasil”.

Essas angústias e dualidades são amplamente representadas na narrativa construída por Assis Brasil, como se o próprio autor as tivesse vivido ou experienciado de alguma forma. O fato é que o escritor Luiz Antonio de Assis Brasil consegue representar como poucos os mais variados conflitos políticos, sociais e culturais ligados ao povo açoriano e à imigração destes para fora do território português. Isso se deve, em grande parte, à sua descendência açoriana, mas também parece ser originada de uma importante sensibilidade assisiana para com os conflitos e dilemas humanos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS BRASIL, L. A. A Narrativa Açoriana Pós-25 de Abril. *Organon*, v. 8, n.21, p. 71-79, 1994. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/39218/25068>. Acesso em: 27 set. 2021.
- ASSIS BRASIL, L. A. A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 3, 1999, p. 204-223. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49018>. Acesso em: 26 set. 2021.
- ASSIS BRASIL, L. A. O primeiro Natal no Continente de São Pedro ou 1752. In: CUNHA, M. C. *Amigos secretos*, 1994, p. 39-44.
- ASSIS BRASIL, L. A. *Um quarto de légua em quadro*. Porto Alegre: Movimento, 1997.
- ASSIS BRASIL, L. A. *Escritos açorianos: a viagem de regresso*. 1. ed. Lisboa: Salamandra, 2003. v. 1. 173p.
- ASSIS BRASIL, L. A.; TUTIKIAN, J. (Orgs.). *Mar horizonte*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 1, 2007.
- CABRAL, M. M. S. *O conto literário de temática açoriana: a ilha, o mar e a emigração*. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Aveiro, 2010. 377p. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3963/1/Tese%20Doutoramento.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.
- LAYTANO, D. *Origem da propriedade privada no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 21-22.
- MACHADO, D. *Luiz Antonio de Assis Brasil – O Códice e O Cinzel*. Porto Alegre: TRINCA/FILMES, 2007. Disponível em: <http://www.laab.com.br/rotei>

ro.pdf. Acesso em: 23 set. 2021.

MELLO, J. C. A *formação do Rio Grande do Sul em Um quarto de légua em quadro, de Luiz Antonio de Assis Brasil: da utopia à distopia*. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 6, n. 12, p. 81-107, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17305/14271>. Acesso em: 27 set. 2021.

MUTTER, D. T. *Imagens do século XIX na ficção de Luiz Antonio de Assis Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. 233p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14750>. Acesso em: 25 set. 2021.

MUTTER, D. T. *Um romancista ao sul: a ficção de Luiz Antonio de Assis Brasil*. Porto Alegre: BesouroBox, 2017.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v. 13, n.esp., p. 7-32, jan. 2000. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/449>. Acesso em: 19 dez. 2021.

TORRES, L. H. A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63). *Biblos*, Rio Grande, 16: 177-189, 2004. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/421>. Acesso em: 25 set. 2021.

TORRES, L. H. *Câmara Municipal do Rio Grande – berço do parlamento gaúcho*. Rio Grande: Salisgraf, 2001.

Recebido em 27/09/2021

Aprovado em 23/03/2022